

**O Entretecer Histórico e Literário:
A Narrativa Memorialística de Salim Miguel***

Mírian Tesserolli**

Se me disserem que é absurdo falar
assim de quem nunca existiu, respondo
que também não tenho provas de que
Lisboa tenha alguma vez existido, ou

eu que
escrevo, ou qualquer coisa
onde quer que

seja.

Fernando Pessoa

O entretecer histórico e literário tem estado muito presente em minhas reflexões, ultimamente. E é disso que este artigo trata: as relações entre história e literatura. Mais especificamente, fronteiras. É a respeito delas que quero refletir.

Tudo começou quando descobri uma narrativa de Salim Miguel, publicada em 1987, chamada *A vida breve de Sezefredo das Neves, poeta*.¹ Ao lê-la, encontrei uma nova nuance da história cultural de Florianópolis, encontrei a cidade-ilha de Salim Miguel, como ele mesmo diz: "ilhada em vento e chuvaradas, areia e mar, sal e sol"². O nosso autor olhou de novo o seu passado e com as exigências do seu presente escreveu, a partir de reminiscências, uma metaficção historiográfica. Construiu, no final da década de 80, já distanciado quase quatro décadas, uma narrativa que trouxe conhecimentos de um momento específico da história de Santa Catarina: a formação do Grupo Sul. Desconstruiu e transgrediu os limites do que seria próprio à história ou à

** Graduada em História pela Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis-SC, no ano de 1992; ingresso no programa de mestrado em História da mesma Universidade, no ano de 1993, sob a orientação da professora doutora Maria Bernadete Ramos Flores.

¹ MIGUEL, Salim. *A vida breve de Sezefredo das Neves, poeta*. Porto Alegre: Tchê!, 1987.

² MIGUEL, Salim. *A voz submersa*. São Paulo: Global, 1984, p.175.

literatura. Enreda-se numa maçaroca onde não é possível encontrar nem o início nem o fim do fio que tece a sua narrativa, porque nem na própria vida isto é possível: "A história não acaba, apenas se transforma numa Grande Apoteose da Descoberta onde o Fato vira Ficção e a Ficção torna-se Fato"³. História e literatura estão embaraçadas num novelo cujo fuso é a própria obra. A maçaroca é a fonte que jorra poesia para dar vitalidade e visibilidade à história de uma geração vista por alguém que a viveu. A maçaroca torna viva e pulsante as tramas e intrigas de uma pequena nuance da história de Florianópolis.

O livro inicia narrando a visita de um conhecido que traz, para o autor, uma "maçaroca" de papéis. Conforme ele diz, tivera com o visitante, no passado, um "bom relacionamento e interesses comuns"⁴. A maçaroca trata dos escritos de um jovem, Sezefredo das Neves, que transitava entre eles na década de 40. No desenrolar das páginas deste livro, os anseios, as vontades, as necessidades de uma geração vão ganhando vida no corpo das personagens rememoradas por Salim Miguel. Esboça-se, aí, o grupo do qual este escritor foi um dos protagonistas e, também, um dos fundadores: o Grupo Sul.

As décadas de 40 e de 50, em Florianópolis, acompanharam o surgimento do Grupo Sul propondo concepções estéticas e estilísticas diferentes das que vagavam pela cidade até então. Era um grupo de jovens que discutia arte em geral e que polemizava com os membros da Academia Catarinense de Letras, os quais tinham formação fortemente parnasiana. Através do livro já mencionado, encontrei um olhar mostrando a história deste Grupo, encontrei um tipo de conhecimento - o proveniente da leitura poética da realidade - que me apontou para novas perspectivas históricas.

Salim Miguel nos brinda com narrativas memorialísticas e alegóricas, travando um interessante diálogo entre os espaços do viver e do narrar. Na memória de Salim Miguel, Sezefredo das Neves encarna o espírito indeciso, inseguro, ao mesmo tempo autoconfiante, orgulhoso, destes jovens que vão formar o movimento Grupo Sul, na

³ JANOVITCH, Paula Ester. O menir de Pommery. Dissertação (mestrado em Ciências Sociais). PUC, São Paulo, 1994. p.5.

⁴ MIGUEL, Salim. A vida breve de Sezefredo das Neves, poeta. Op. Cit. p.5.

década de 40. Jovens que clamavam pelo novo e que fazem parte de uma geração de entre-guerras. O diário de Sezefredo foi construído a partir das reminiscências da infância e juventude do nosso autor, nos enviando a alguns acontecimentos importantes de Florianópolis e da região próxima, neste período: Intentona Comunista, Integralismo, o nazismo, o Estado Novo, a iminência de uma guerra. Foi uma geração que pressentiu o novo e por ele foi irremediavelmente marcada: a Semana de Arte Moderna, que não chegou em Florianópolis em 22 - ou, pelo menos, não encontrou eco, na época -; as imagens, que agora correm pelas telas, dando movimento ao que parecia parado e inerte; a velocidade; a urbanização; o tempo do trabalho; o socialismo; e tudo o mais que é marca da modernidade. Marcas que ficam cada vez mais visíveis à medida que acirram as polêmicas travadas através dos jornais com a nova geração da Academia Catarinense de Letras - os velhos. Marcas que insistem em ficar mais profundas à medida que buscam o novo. O grupo de jovens intelectuais começa a se ensaiar: surge a Revista Sul que teve 30 números e foi editada durante 10 anos, de 48 a 57.

É neste grupo que o nosso autor se enreda. É a existência deste grupo que o nosso autor olha e nos mostra, através do olhar ficcional de Sezefredo. Ao ler esta obra, é possível perceber como Salim, 40 anos depois, narrou a experiência do Grupo Sul, nos seus preâmbulos, para mostrar o surgimento de uma nova estética no movimento artístico de Santa Catarina.

Foram várias as leituras que fiz de Sezefredo. Num primeiro momento, enxerguei somente a ficção, senti a solidão, a insegurança, o orgulho da personagem enquanto indivíduo. Senti a necessidade de viver, quando a personagem diz: "sonho a vida/quero viver a vida/não o sonho" (p. 80); de escrever, quando diz: "A palavra me persegue. Tenho-a incrustada na pele, no sangue, na alma... Ela não me larga. Me provoca. Me apavora. Me entusiasma." (p. 114). As personagens circundantes começam a se delinear, a tomar forma: passo a reconhecê-las. Sezefredo me chama atenção, dizendo: "Elaboro a realidade que então vivi. Talvez. Não sei. Certamente. Já deixei dito, em passagem anterior deste diário, que, mesmo no instante em que estão acontecendo, os fatos transcritos são e não são conforme ocorreram, mas a versão que deles temos (ou damos), elementos estranhos se infiltrando, modificando, arrumando, reordenando." (p. 86). Para Sezefredo, usando as suas próprias palavras, não é possível "transmitir vida

sem viver vida" (p. 87). Descubro, agora, personagens concretos, de carne e osso, com historicidade. Ti Adão era uma personagem que, desde o primeiro contato com a obra de Salim Miguel, intrigava-me: aparecia em várias obras. Eis que, em conversa com o nosso autor, ele fez desfilar diante de mim personagens presentes no livro em questão: 'seu' Zé Gringo - seu pai -; o livreiro cego JM - para quem ele ia ler em voz alta os livros da livraria porque não tinha dinheiro para comprá-los -; Ti Adão - que sempre ia em sua casa e ficava contando "causos". Aliás, Ti Adão e a leitura de "As Mil e Uma Noites" foram influências bastante marcantes na obra de Salim Miguel.

A maçaroca é um prazer lúdico para Salim Miguel. É o toque humano que fará com que ele se re-conheça no meio dela e que se torne *dramatis personae* da sua própria narrativa tomando a palavra - seu maior instrumento - como um remédio, sem efeitos colaterais, para atacar o armazenado em sua memória, puxando o fio de Ariadne do meio da maçaroca. Numa memória que é seletiva, deforma e reinterpreta incessantemente o passado à luz do presente. O passado é um labirinto irrecuperável, cujos caminhos para a saída são sempre diferentes, pois que tem várias saídas.

A narrativa, como nos diz Hayden White, tem sido vista como uma "forma de discurso que pode ou não ser utilizada para a representação de acontecimentos históricos, dependendo de o objeto principal ser descrever uma situação, analisar um processo histórico, ou contar uma história"⁵. Ele também nos diz que "o que distingue os relatos 'históricos' dos 'ficcionais' são sobretudo os seus conteúdos, mais do que a sua forma"⁶. Se pensarmos a narrativa como uma forma de representação do passado, nos perguntaremos onde estão as fronteiras entre história e literatura? Fronteiras camaleônicas e perversas que no nosso autor são tão tênues que às vezes me pego embaraçada entre os fios da realidade e da invenção. É um labirinto onde dois tipos de ficção acabam por se encontrar, numa narrativa envolvente, enganadora e transgressora, nos fazendo acreditar que o Sezefredo existiu de verdade. Na introdução, cujo título é "A Maçaroca ou Um Esclarecimento", Salim Miguel diz: "Se fosse este um texto ficcional, eu deveria deixar que o leitor fosse aos poucos desvendando a trama. Não é."

⁵ WHITE, Hayden. A questão da narrativa na teoria contemporânea da história. In: *Revista de História*. Campinas: IFCH/UNICAMP, 1991. n°2/3. p.48.

⁶ Idem, p. 49.

(p.36). Como já disse anteriormente, num primeiro momento, acreditamos: Sezefredo existiu! Nosso autor apenas contou a sua história, de forma metafórica, a partir de escritos - a maçaroca - que chegaram às suas mãos. Quando nos damos conta, percebemos Salim Miguel narrando a sua experiência na pele de outro, narrando a ação como quem assiste, como quem está de fora, de longe. Nosso autor me lembra o narrador benjaminiano porque o que ele narra está mergulhado na sua vida, porque ele tem experiência: ele está narrando a sua própria experiência.

Salim Miguel, ao construir a narrativa de Sezefredo das Neves, se "defronta com um verdadeiro caos de acontecimentos já constituídos", selecionando elementos para escrever a sua história: "realiza sua estória mediante a inclusão de alguns acontecimentos e a exclusão de outros, realçando alguns e subordinando outros"⁷. Esta é uma citação de Hayden White, uma nota na qual ele se refere ao trabalho do historiador, *não* ao do romancista. Mas, ao terminar de lê-la, não pude deixar de tentar imaginar, novamente, a fronteira entre ficção e história e me fiz a mesma pergunta que José Américo Motta Pessanha se fez: "onde situar a linha divisória - se é que ela pode ser traçada com nitidez - entre os diversos tipos de histórias inventadas e uma história que pretende ostentar estatuto de cientificidade, apresentar-se enquanto *epistême*, inscrever-se entre as formas "sérias" de conhecimento, candidatar-se à conquista de alguma verdade exterior a seu próprio discurso, narrando e ao mesmo tempo explicando o objeto que aborda?"⁸.

O que pretendo é procurar ecos intertextuais em todos os tipos de conhecimentos pois, como diz Linda Hutcheon, "só conhecemos o passado (o que de fato existiu) por meio de seus vestígios textualizados"⁹. Diferentes matizes de referências podem tornar a história mais rica. É próprio da literatura dar conta da imaginação, ficcionalizar o imaginado. É próprio da história trabalhar com a argumentação e a demonstração das fontes que aborda buscando um certo "rigor científico" - não o das ciências exatas, é claro - no seu discurso. Mas, e esse discurso? Não é ele o olhar do historiador sobre a sua documentação? Documentação esta que ele próprio escolheu? Que ele próprio

⁷ WHITE, Hayden. *Meta-História. A imaginação histórica do século XIX*. São Paulo: Edusp, 1992. p.22.

⁸ PESSANHA, José Américo Motta. O sono e a vigília. In: NOVAES, Adauto. *Tempo e História*. São Paulo: Companhia das Letras/Secretaria Municipal de Cultura, 1992, p.33.

⁹ HUTCHEON, Linda. *Poética do pós-modernismo*. Rio de Janeiro: Imago, 1991, p.157.

embarcou em um jogo de sedução, envolvendo-se numa relação amorosa? Tudo leva-me a crer que o historiador ficcionaliza sua massa documental. Não como o literata, mas parece-me que o fio condutor que mostra os pontos de contato entre a história e a literatura é a imaginação. A fonte de Salim Miguel é a sua memória, Sezefredo conta-me coisas. O historiador seleciona suas fontes, ao buscá-las. Mas nem tudo o que aconteceu fica nos arquivos - iconografia, arquitetura, etc -: muito se perde. A sobrevivência da memória, dos vestígios, dos restos, dos indícios, servem para ressignificar, não para resgatar, através da interpretação, o que o historiador quer representar. O literata enquadra, olha, seleciona, organiza e constrói uma narrativa imaginária. O historiador seleciona, interpreta, ressignifica vestígios que sofreram modificações, coisas que foram esquecidas, abandonadas, e constrói uma narrativa..., tornando, como diz Hayden White, "esse registro mais compreensível para um público de determinado tipo"¹⁰.

Ainda segundo Hayden White, "diz-se às vezes que o objetivo do historiador é explicar o passado através do 'achado', da 'identificação' ou 'descoberta' das 'estórias' que jazem enterradas nas crônicas; e que a diferença entre 'história' e 'ficção' reside no fato de que o historiador 'acha' suas estórias, ao passo que o ficcionista 'inventa' as suas."¹¹. Eis aí, enquanto Salim Miguel tece o fio de sua narrativa memorialística jogando o cuspe para frente, feito uma aranha ao tecer sua teia, nos envolve numa maçaroca de *mémoire-souvenir*¹² que parece um rio subterrâneo de reminiscências transbordando para inundar nossa *epistème* histórica, fazendo-nos questionar incessantemente o instituído e o fixado. Parafrazeando Pessanha, tempo, memória e história são marcados pela insubmissão¹³.

¹⁰ WHITE, Hayden. *Meta-História. A imaginação histórica do século XIX*. Op. Cit. p.21.

¹¹ Idem, p.22.

¹² O termo *mémoire-souvenir* foi utilizado por Pessanha (op. cit.) na p. 48, referindo-se à "memória encharcada dos elementos emocionais das vivências... não automatizada, nem pragmática".

¹³ PESSANHA, José Américo Motta. Op. Cit., p.33.